

MENSAGEM E TORÁ EM DIÁLOGO: O “QUINTO IMPÉRIO” EM QUESTÃO

Emílio Davi Sampaio
Letícia Pereira de Andrade
Raymundo José da Silva¹

Abstract: This paper notices points of convergence between “Mensagem”, by Fernando Pessoa, and the “message” conveyed by the Torah (Holy writs of the Hebrew people). Among these points, the most significant refers to the mythological fate in “Mensagem” that the Lusitanian people constitute the nation anointed by God. This reference is also found in the Torah, that the Hebrew are the people anointed by Yahweh. This leads to the interpretative hypothesis that Pessoa, sometimes, reused the Jewish tradition to write his anti-epic poem, aiming at looking to the world with a “sphingo and fatal look”, and expressing himself according to his place of comfort: “the Hour!”.

Key-words: Message; Torah; Fifth Empire.

Resumo: Este trabalho observa pontos de convergência entre *Mensagem*, de Fernando Pessoa, com a “mensagem” transmitida pela Torá (escritos dos hebreus). Dentre esses pontos, o mais significativo refere-se ao destino mitológico contido na *Mensagem* de que o povo lusitano se constitui numa nação ungida por Deus, referência esta também encontrada na Torá, de que os hebreus formam o povo ungido por *Yahweh*. Segue-se a hipótese interpretativa de que Pessoa, por vezes, reaproveitaria a tradição judaica para escrever o seu poema antiépico, que pretende olhar para o mundo com um “olhar esfíngico e fatal”, expressando-se segundo seu lugar de acolhimento: “a Hora!”.

Palavras-chave: Mensagem; Torá; Quinto Império.

INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XX, surge um grande nome na Literatura Portuguesa, Fernando Pessoa, poeta nascido em Lisboa (e descendente de judeu) que apresenta uma obra inovadora e capaz de ombrear com Camões. Quando se fala de inovação, uma das obras de

¹ Professores da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS

Pessoa que melhor mostra a diferença e a ruptura entre o clássico (épico) e o moderno (antiépico) é seu poema *Mensagem*.

De acordo com João Gaspar Simões, Fernando Pessoa é considerado por ele próprio um "Cristão Gnóstico (...). Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria". (SIMOES, 1972: 579).

Pessoa, em *Mensagem*, trata do sonho de um enigmático Quinto Império. Este não seria o império dos homens que lutam com armas em punho, mas o império que está no mundo além da terra e da corrupção que nela há: é o império espiritual, o verdadeiro império que ainda está por vir. *Mensagem* propõe levar uma mensagem ao mundo de valorização do espírito, praticar uma vida além do mundo físico.

O poema *Mensagem*, exaltação de D. Sebastião, cruza-se com certo desalento, numa expectativa ansiosa pela renovação da grandeza nacional, e revela uma faceta esotérica e mística do poeta, manifestada também nas suas incursões pelas ciências ocultas e no conhecimento da Torá²

A Torá é um conjunto de cinco livros denominados por muitos a Bíblia dos hebreus. Ainda hoje, os judeus debruçam-se sobre ela para examiná-la e lê-la durante os rituais religiosos (cf. SUANA, Samuel. 2006). As mensagens eram transmitidas de pai para filho, em festas ritualizadas ("E veio Moisés e falou todas as palavras deste cântico aos ouvidos do povo". – Deuteronômio, 32. 44). Segundo Suana (2006), a maioria dos estudiosos atribui a autoria desses cinco livros a Moisés, um hebreu criado pela filha do Faraó, recebendo, assim, educação na corte egípcia. Um dos aspectos mais grandiosos da epopéia hebraica é o fato de receberem a lei (*torah*) do próprio Deus através de seu líder³ Moisés.

Em *Mensagem*, Pessoa retoma os símbolos retratados por Camões em *Os Lusíadas* sobre o papel que Portugal deveria desempenhar no desbravamento do mundo e também traz tradições judaicas. Numa alusão mitológica, no passado glorioso, os portugueses constituíam

² [Torah do hebraico significa "Ensino"; "Instruções"] – refere-se aos cinco primeiros livros da Bíblia Cristã, que corresponde à expressão grega Pentateuco, que significa cinco livros. A Torá é conhecida, também, como a Lei de Moisés. (cf. SUANA, Samuel. 2006).

³ Segundo a tradição judaica rabinica, a Torá escrita foi entregue por Deus para Moisés no Monte Sinai em conjunto com a Torá Oral, que seria o conjunto de ensinamentos e especificações de como cumprir os mandamentos da Torá escrita e que, originalmente foram transmitidos de maneira oral de geração a geração através dos sábios do povo no correr de mais de 3 300 anos e finalmente compiladas na Mishná no Midrash, no ano de 200 da Era comum.

uma nação ungida por Deus, assim como os hebreus era o povo ungido por *Yahweh* para ser o exemplo a todos os gentios⁴.

Pessoa, nessa obra poética, se reporta aos heróis do passado, mas o faz numa perspectiva esotérica. Sua intenção não é glorificar o passado, mas projetar e conquistar o futuro. Isto fica claro quando o poeta conclui o poema com o verso: “É a hora!”. Este verso é bastante significativo para desvelar e compreender a mensagem contida em *Mensagem*, pois revela a principal intenção do poeta. A interpretação que se pode auferir dele é que chegou o momento da construção de uma nova ordem que moverá o mundo, e esta será encontrada num plano superior, o da mente (*Mens agitat molem*, isto é, "A mente move a matéria"). Observa-se também que, através do ponto de exclamação e o tempo verbal no presente, o poeta põe no verso uma carga semântica que tenciona chamar a atenção para algo que deverá se projetar ou que será projetado. Para ele é interessante descortinar o “futuro do passado”, o que está para acontecer e o que se espera, ou seja, está por vir. Portanto, o épico que encontramos em *Os Lusíadas* é “desfeito” em Pessoa, ou melhor, em *Mensagem* há o sentido de desmitificar o épico, orientando, assim, para um valor outro que é o antiépico.

Diferentemente de *Os Lusíadas*, *Mensagem* não se apresenta como sendo uma narrativa, mas como algo que dá expectativa de uma narrativa. A obra se constrói a partir da projeção que se faz, partindo-se da unidade de cada poema, para formar um sentido completo. Nos poemas encontram-se várias vozes que externam com consciência o seu tempo.

Assim, este trabalho observa pontos de convergência entre *Mensagem*, de Fernando Pessoa, com a “mensagem” transmitida pela Torá, em uma hipótese interpretativa de que Pessoa, por vezes, reaproveitaria a tradição judaica para escrever o seu complexo poema, que pretende olhar para o mundo com um “olhar esfíngico e fatal”, expressando-se segundo seu lugar de acolhimento: “É a Hora!”.

MENSAGEM: A MODERNA ÉPICA PORTUGUESA

Segundo Tutikian (2006:8), epopéia é um poema narrativo voltado para a heroicização de um povo. Trata-se, portanto, de um gênero canônico, cujo universo é construído em um passado mítico, consagrado pela lenda, sem relação com o tempo presente.

⁴ Gentio significa nações que e se refere àqueles que não pertencem à casa de Israel ou ao Deus de Israel.

Originalmente *Mensagem* intitulava-se “Portugal”. Segundo Gaspar Simões (1972), Pessoa fez a substituição por entender que o título *Mensagem* parecia o mais adequado e estava mais de acordo com a índole do trabalho, e ainda, por ter o mesmo número de letras que na palavra Portugal. Pode-se dizer que esta índole surge a partir de um “olhar esfíngico e fatal” do poeta, ao abraçar a “multividência do século XX” (TUTIKIAN, 2006: 5). Assim, *Mensagem* é um poema épico, de retomada no futuro, de um passado glorioso: o Quinto Império.

Há um desejo nostálgico de épica contido no enigmático apelo do verso que fecha a “mensagem”: “É a hora!”. Há uma projeção do passado no futuro, ou seja, o poema é uma glorificação do futuro. Como explica Tutikian (2006:8), ao “criar mitologicamente uma pátria ideal, ele a opõe à pátria real, a do presente, a do século XX, de uma monarquia arruinada, que caíra em 1910, e de uma república cheia de problemas, a pátria da decadência”, que aparece em **O ENCOBERTO**. Assim, Pessoa parece exprimir a contradição entre a indiferença e a inércia do povo português dos anos trinta, saudoso dos faustos da monarquia, desconfortado com a situação problemática dos primeiros anos de república parlamentar e com a pobreza, resignado à reconstrução da República, pela via do Estado Novo da ditadura financeira, depois da política de Salazar.

Portanto, como foge da épica tradicional, isto é, daquela canção dos feitos gloriosos e das conquistas dos heróis destemidos, esse poema pessoano é considerado uma épica moderna.

Ao se juntarem os preceitos descritos na simbologia, contida na Torá e na *Mensagem* sobre a evidência de um futuro próspero, observa-se que a canção da pátria ideal portuguesa assemelha-se a canção da pátria hebréia, prescrita na Torá:

E não chamará mais o teu nome Abrão (que significa pai da altura), mas Abraão (pai de uma multidão) será o teu nome; porque por pai da multidão de nações te tenho posto. E te farei frutificar grandissimamente e de ti farei nações, e reis sairão de ti. (GÊNESIS, 17. 5-6)

O texto fala de uma benção espiritual que viria através de um descendente de Abraão. Essa, por sua vez, traduz-se na espera e conquista da Paz Mundial a ser trazida pelo Messias judeu, a qual se espalharia pelo mundo, determinando um novo sentido para a humanidade. Pessoa evidencia isso quando se reporta simbolicamente ao retorno do rei D. Sebastião, trazendo a esperança de um novo porvir:

Não sei a hora, mas sei que há a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mistério.
Surges ao sol em mim, e a névoa fínda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Império. (PESSOA, 2006: 43)

A epopéia dos hebreus surgiu na forma oral, ficando visível a intenção de engrandecer à transmigração dos israelitas. O próprio nome Israel significa “Aquele que luta com Deus”. Pois segundo o livro de Gênesis, “Israel” seria o nome que Deus deu a Jacó (neto de Abraão), quando Jacó com 97 anos, lutou a noite inteira com um anjo: "E então disse Deus: Não te chamarás mais Jacó, mas sim, Israel, pois, como príncipe, lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste" (GÊNESIS, 32. 28).

A característica essencial da Torá é a alternância de seções narrativas grandiosas com outras dedicadas a instruir o povo hebreu, tanto na ordem ética pessoal e social como, muito especialmente, na religiosa. Muitos episódios da epopéia dos hebreus, na luta quase eterna, pelo direito de existir e possuir a terra, dialogam com outras histórias da humanidade, inclusive em *Mensagem*, cujos poemas foram escritos entre 1913 e 1934 (data da sua publicação). O poeta, lapidarmente, instituiu um ideal patriótico, sebastianista (messiânico para os hebreus), mas rompendo com os moldes clássicos, imprimiu uma mensagem regeneradora da pátria e do Universo, dos homens, enfim. É um poema nacional e universal, numa versão moderna. O que está presente na escrita de Pessoa é o fato de que ela não se restringe ao conhecimento em torno da materialidade e da compreensão de um povo (português ou judeu), mas assume preocupações espirituais superiores e se consagra como obra universal, por meio de sua atividade estética literária.

Talvez por isso o poema *Mensagem* seja uma espécie de Bíblia do nacionalismo poético português. Apesar de seu misticismo obscuro, tornou-se popular, sendo estudado nos bancos escolares.

[Esta] epopéia tornou-se memorial e o Portugal nela evocado um fantasma que nos roubava o presente e impedia que déssemos ao futuro as cores de um sonho que não fosse apenas o de um povo no tempo, mas o do tempo de um povo assimilado à Humanidade inteira (LOURENÇO, 1997: 20).

Na “épica às avessas” de Pessoa até o décimo sexto rei de Portugal (1554-1578) que fecha a seção das **QUINAS**, D. Sebastião, é chamado de “Louco, sim, louco, porque quis grandeza/ Qual a Sorte a não dá.” Neste trecho, percebe-se que a “Sorte” (com letra maiúscula), já citada no poema a D. Pedro: “Não me podia a Sorte dar guarida/Por não ser eu dos seus”, refere-se agora também a D. Sebastião. Apesar de a palavra ter sido utilizada para determinar o destino de ambos os reis, Pessoa aponta que esse mesmo destino escolheu, simbolicamente, D. Sebastião para realizar o sonho profético do Quinto Império, isto “... porque quis grandeza”. E é esta “grandeza” que o mitifica, tornando sua alma eterna e sonhadora. Já D. Pedro, apenas viveu o que era para ser vivido, sem sonho algum: “Assim vivi, assim morri, a vida/Calmo sob mudos céus, Fiel à palavra dada e à idéia tida”.

Esta personagem, D. Sebastião, fecha o ciclo das conquistas marítimas e simboliza o “Cadáver adiado que procria?” Sim! Este deu razão para que surgisse o mito do Sebastianismo, que tem corroboração dos três “profetas”: 1º Bandarra, 2º Antônio Vieira, 3º o próprio Pessoa. A loucura passa a ser apresentada como o elemento que distingue este herói do homem comum; o que difere também de um Ulysses, por exemplo, da epopéia clássica, cuja sina era vencer todos os obstáculos. Não é o que acontece com D. Sebastião. É fato que o rei, como guerreiro, não ganhou guerra alguma, pelo contrário, perdeu a batalha em Alcácer-Quibir, e ainda teve seu corpo desaparecido para sempre. Mas, apesar disso, era sonhador e, profeticamente, conforme dito tinha seu destino traçado.

A *Mensagem* poderá ser vista, portanto, com uma epopéia sustentada pelo antiépico, ou seja, a moderna épica portuguesa, porque parte de um núcleo histórico, mas a sua formulação, sendo simbólica e mítica, do relato histórico, culminará numa projeção futura de um mundo espiritual universal. É esta a mensagem de Pessoa a Portugal (ou ao mundo), à nação construtora do Império no passado, cabe construir o Império do futuro - o Quinto Império. E enquanto o Império Português, edificado pelos heróis da fundação da nacionalidade e dos descobrimentos é um termo territorial e material, o Quinto Império, anunciado em *Mensagem*, é um império espiritual. Conforme já mencionado, “É a hora” de se mexer! – de salvar este futuro do “canto de cisne dos portugueses”. Com este único verso (“É a hora!”), o poeta rompe com a decadência presente em **NEVOEIRO**: “Ó Portugal, hoje és nevoeiro...”. Com apenas este vocativo, o poeta parece querer acordar do sono um ser querido e anunciar à humanidade uma nova era que deve ser construída a partir de então.

E mais: enquanto a epopéia clássica é regida pela uniformidade, *Mensagem* se constrói, como explica Tutikian (2006: 11), pela polifonia (múltiplas vozes) multifacetada, por meio de poemas diversos, várias formas, números de versos e combinações de rimas. Pode-se aqui, mesmo falando de epopéia, retomar Bakhtin que, ao tratar da teoria do romance, explica:

Eis por que o discurso épico não contém homens que falam como representantes de diferentes linguagens; aqui, o homem que fala é, em suma, o autor, e apenas ele, e existe, por conseguinte, apenas um único e só discurso: o do autor (BAKHTIN, 1998: 154).

Por fim, a existência das diversas vozes presentes em *Mensagem* assinala que é chegado o momento do antiépico, da ruptura, isto é, da desconstrução de alguns valores estéticos retratados até então na epopéia clássica. É o que o poeta procura construir através dos vários discursos revelados ao longo do poema pelos seus “personagens” históricos. Discursos esses, regidos no sentido de apontar para dois fatores importantes que denotam um novo momento português: a remitologização e a re-historicização.

MENSAGEM: SUA ESTRUTURA ANTIÉPICA E O JUDAÍSMO

Quando se lê *Mensagem*, parece inevitável a remissão a *Os Lusíadas*, tanto pelos temas e personagens mencionados, quanto pela referência a determinados episódios que proporcionam uma intertextualidade entre as duas obras. Um dos momentos mais flagrantes em que se estabelece esse diálogo é o da referência ao episódio do “Gigante Adamastor” de *Os Lusíadas* e ao “Mostrengo” de *Mensagem*.

Quanto aos demais aspectos estruturais, a obra de Pessoa afasta-se visivelmente da obra de Camões. Como se sabe, *Os Lusíadas* obedecem aos moldes clássicos, com 1102 estrofes denominadas oitavas rimas, pois sempre têm oito versos decassílabos, cuidadosamente escandidos e rimados. Em *Mensagem*, a estrutura das estrofes e das rimas é mais livre e variada, de modo que aparecem estrofes em dísticos, tercetos, quartetos, quintilhas e outros tipos de rimas as quais vão dos versos brancos aos rimados em vários esquemas, da rima rica à rima pobre.

Os poemas de *Mensagem* foram escritos por Pessoa em diferentes épocas, constituindo uma epopéia aparentemente fragmentária, visto que nem sempre apresentam uma perfeita

interligação entre si. Entretanto, o conjunto de textos líricos ou místicos possui uma unidade que, ao final, acabam formando uma exaltação de teor épico, e ao mesmo tempo antiépico, a Portugal.

Pode-se afirmar que não se trata de uma obra de fácil entendimento, tanto pela linguagem singular do poeta, quanto pelo conteúdo que envolve fatos históricos de Portugal, a mitologia greco-latina, além de referências esotéricas e assimilação da tradição judaica. Utilizando uma linguagem ocultista baseada na analogia e metáforas, Pessoa compõe uma obra que ao mesmo tempo é livro de poemas e livro de revelações. O mistério se apresenta como engenho poético. O poeta deixa várias pistas para o leitor: a divisão das partes; os números recorrentes; a simbologia; o Sebastianismo; o “Ocidente, futuro do passado” – verso apresentado já no primeiro poema.

Antevendo as possíveis dificuldades de entendimento dos símbolos e rituais descritos, Fernando Pessoa, em nota preliminar da obra, estabelece que o leitor deva possuir cinco condições ou qualidades necessárias à leitura e compreensão da obra: a) a simpatia, isto é, o interprete deve sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar; b) a intuição, que se trata de uma espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja; c) a inteligência, que analisa, decompõe e reconstrói o símbolo noutra nível; d) a compreensão, que se trata do conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes o qual será relacionado com vários outros símbolos. e) a graça, que, segundo Pessoa, é a mais difícil de ser definida, e explica:

Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e a Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma maneira como as entendem que dela usam, falando ou escrevendo. (PESSOA *apud* TUTIKIAN, 2006: 8).

A obra é composta de 44 poemas, dividida em três partes: 1º) **BRASÃO**, que representa em símbolo a nobreza da história portuguesa desde Dom Henrique de Borgonha até Afonso de Albuquerque, e é formado por dois campos: um apresenta sete castelos; o outro, cinco quinas. No topo do Brasão, estão a coroa e o timbre que possui o grifo, animal mitológico com cabeça de leão e asas de águia; 2º) **MAR PORTUGUÊS**, apresenta as navegações e conquistas marítimas que levou Portugal a um lugar de destaque no mundo; 3º)

O ENCOBERTO: com ele é apresentado o mito sebastianista com a profecia ou a crença no retorno de um passado glorioso.

A tripartição de Mensagem corresponde a três momentos do Império Português: nascimento, ascensão e morte. Mas essa morte não é definitiva, pois pressupõe um renascimento que será o novo império, futuro e espiritual. Morte das energias de Portugal simbolizada em **NEVOEIRO**; afirmação do sebastianismo representado na figura de **O ENCOBERTO**; apelo e ânsia messiânica ou sebastiânica da construção do Quinto Império: “É a hora!”.

Já no primeiro poema **O DOS CASTELOS**, Pessoa dá pistas de que não se trata de uma epopéia clássica, pois se observa que na descrição que o poeta faz da Europa o olhar esfíngico é para o “futuro do passado”, na perspectiva de Pessoa, o Quinto Império.

Uma epopéia clássica não trata do presente, pois sua intenção é apenas a glorificação do passado, mas Pessoa “desfaz” este modelo cantando o passado no futuro e também a decadência em **NEVOEIRO**, exortando com o enigma da frase final: “É a hora!”. Portugal é este nevoeiro que marcará o regresso de D. Sebastião, é, portanto, a Hora em que o salvador voltará e transformará o passado glorioso em futuro virtuoso, atribuindo a Portugal o título de Quinto Império, mas império espiritual. Seria isso referência apenas a Portugal? “No vale clareira uma fogueira./ Uma dança sacode a terra inteira.” Estes versos deixam claro que Pessoa não pensa somente em Portugal, mas no mundo todo.

Do judaísmo, observa-se que o povo hebreu, segundo a Torá, também esperava o seu salvador, para a construção de um novo reino. Mas alguns judeus desejavam e esperavam um reino material, por isso perguntou a Jesus Cristo: “Senhor restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” (Atos, 1.6). Contudo já fora profetizado por meio do judeu Daniel que o reino esperado era um reino espiritual: “E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão” (Daniel, 7.27).

Diante disso, é possível pensar que “a hora” também é para os israelitas ou para a humanidade. A Hora, em *Mensagem*, é intemporal, a mesma hora para cada um de nós, que porá fim à dispersão humana, e, como consequência, integrando-se ao Todo. Isto significa que “a hora” seja, portanto, a mesma para todos humanos simultaneamente, sem constrangimentos e imperfeições de tempo ou espaço. A Hora do conhecimento e do saber, a Hora da sublimação do terreno pelo celestial, da matéria pelo espírito, do indivíduo pelo grupo, do Homem pelo Universo. Deste modo, quando Pessoa anuncia o advento desse reino

superior e espiritualizado (o Quinto Império), ocorre um dialogismo entre a Torá e *Mensagem*.

Pessoa conhecia as tradições hebraicas. Na compreensão de João Gaspar Simões, todo o saber ocultista buscado por Pessoa está subsumido na dimensão cabalística de sua obra. A própria Kabbalah é, no entender de João Gaspar Simões (1972: 243), "uma coleção de tradições hebraicas, relativa à interpretação do Velho Testamento". Com isso, Pessoa mostra crenças diversas, entre elas, a crença da existência de um mundo espiritual: "A vida é breve, a alma é vasta"; "A alma é divina e a obra é imperfeita".

A terceira parte de *Mensagem* abre caminho ao espiritual Quinto Império, poema de crítica a quem se submete à realização apenas terrena e material: "Triste de quem é feliz! /Vive porque a vida dura. / Nada na alma lhe diz/ Mais que a lição da raiz - / Ter por vida a sepultura". E assim elogia o transcendente na busca do conhecimento: "Ser descontente é ser homem/ Que as forças cegas se domem/ pela visão que a alma tem!". Para o poeta, aquele que espera apenas no plano material é o mais miserável dos Homens, pois para atingir o auge da espiritualidade é necessário o sacrifício da felicidade material. Aliás, D. Sebastião, Rei de Portugal, homem destinado a grandes sacrifícios, é apresentado como um ser cuja alma é eterna, por isso pode regressar.

A identificação de D. Sebastião com Jesus Cristo aparece no poema místico **O ENCOBERTO**. Ambos são uma cruz. A ressurreição de Cristo e o regresso de D. Sebastião. Os dois recebem uma Rosa. Ambos regressarão dos mortos... "Que símbolo final/ Mostra o sol já desperto?/ Na Cruz morta e fatal/ A Rosa do Encoberto". Essas referências podem ser vistas como a tentativa de entender o lado espiritual do Humano, com base no esoterismo⁵. Conforme já dito, até o próprio título da obra "Mensagem", segundo Tutikian (2006: 9), constitui um anagrama "o espírito move a massa".

Nesta perspectiva, é interessante observar também as epígrafes de *Mensagem*. Não é a toa que Pessoa abriu a obra em Latim: "BENEDICTUS DOMINUS DEUS NOSTER QUE DEDET NOBIS SIGNUM" (Bendito Nosso Senhor Deus que nos deu um sinal). Vê-se uma relação com a história dos hebreus, que também receberam um sinal, e de acordo com a Torá, tornaram-se o povo escolhido para mostrar ao mundo a espiritualidade humana.

Cada uma das partes do Poema inclui uma divisa ou epígrafe em latim e que em **BRASÃO** é: *BELLUM SINE BELLO* (literalmente "Guerra sem a guerra") que parece sugerir

⁵ Entende-se por esoterismo a doutrina secreta que une Teosofia, Maçonaria, Rosa-Cruz e religiões de caráter iniciático. (cf. TUTIKIAN, 2006: 7).

uma "Guerra sem armas", ou seja, espiritual. Neste sentido a divisa representaria um ideal de conquista espiritual e humana (pela difusão da cultura portuguesa) que foi no passado um importante vetor da expansão portuguesa e seria no futuro, presumivelmente, a via para o Quinto Império. A cultura é, afinal, o único remanescente da colonização que não é efêmero. Na segunda parte, **MAR PORTUGUÊS**, aparece a epígrafe *POSSESSIO MARIS* (a posse do mar) sugerindo o período áureo das navegações e seus heróis. Em **O ENCOBERTO**, a última parte, aparece a mais significativa epígrafe: *PAX IN EXCELSIS* (Paz nas alturas). Esta ultrapassa a história terrestre para configurar-se em uma busca espiritual do poeta: quem deseja a PAZ, saiba que esta está no ALÉM, no FUTURO.

E na fórmula latina final "Valete, Fratres" (Saúde, Irmão), saudação da Rosa Cruz⁶, o poeta parece dar um incentivo aos portugueses para prosseguirem, mesmo a obra (ou a missa) estando terminada. Isto quer dizer que os "irmãos" devem agir, ir em frente, a busca do império espiritual.

Na linha do esoterismo, Pessoa desenha o brasão real com sete castelos (Castelo Sétimo I para D. João I e um Sétimo II para D. Filipa). Aparecem oito nomes, mas como o sete é um número importante para o esoterismo, dois poemas finais são numerados com sete. O múltiplo sete parece metaforizar as conquistas portuguesas pelos mares do mundo. Gênesis começa com sete dias. O número sete é muito freqüente na Torá: Naamã ficou curado ao mergulhar sete vezes no rio Jordão; No sétimo dia da criação, Deus descansou; na sétima semana após saírem do Egito, o povo de Israel descansou ao pé do Monte Sinai; O povo de Israel andou sete vezes ao redor da muralha de Jericó para milagrosamente cair. A Torá foi toda escrita numa estrutura de setes – nela o número 7 aparece na quantidade de palavras, letras, frases, histórias, visões, profecias, julgamentos, etc. É, incontestavelmente, o número mais usado pelos escritores sagrados. Percebe-se que o número 7 está profundamente ligado aos acontecimentos futuros e ao misterioso Plano de Deus para a redenção da Humanidade.

Também, a estrutura ternária da obra remete para o esoterismo, sendo, como é sabido, o número três um número carregado de simbolismos esotéricos. Não só a obra é dividida em três partes, como, por exemplo, a última parte (**O ENCOBERTO**) é ela mesma estruturada segundo este esquema ternário (**OS SÍMBOLOS – 5 poemas, OS AVISOS – 3 poemas e OS TEMPOS – 5 poemas**). As restantes subdivisões da obra correspondem igualmente a uma estrutura numerológica cabalística, através dos números 5, 7 e 12. A

⁶ O Rosacrucianismo é uma sociedade secreta que não se rotula como religiosa e que promete revelar somente aos seus adeptos segredos ocultos.

primeira parte da obra (**O BRASÃO**) é subdividida em 5 partes, e cada uma subdividida num daqueles números; a segunda parte (**MAR PORTUGUÊS**) é formada por 12 poemas.

Pessoa interpreta, assim sendo, Portugal além do factual e documental, por meio dos **Símbolos, Avisos e Tempos**, culminando no **Encoberto**. Para tanto, Pessoa parece encarnar simultaneamente, na *Mensagem*, o ofício de poeta, intérprete e profeta. Segundo Lourenço (1997), Pessoa reveste-se dos poderes do Mago, do Profeta e do Messias que sob outras máscaras o apavoravam. Nesse sonho enigmático do Quinto Império jogava-se algo de mais decisivo que o seu destino de poeta: “... o sentido mítico e místico da sua vida figurado e confundido com o destino de um povo ‘crístico’ que como o Salvador não deveu a sua eleição senão ao sofrimento e à humilhação com que Deus, enigmaticamente, o distinguiu” (LOURENÇO, 1997: 22).

Assim, constata-se que os símbolos e os mitos são a máxima configuração do poema pessoano, porque apenas estes podem configurar uma “Existência-outra” (LOURENÇO, 1997: 21). De Portugal feito poema chega-se ao Universal, isto significa que figuras da epopéia nacional (portuguesa ou israelita) insinuam segredos e mistérios universais.

MENSAGEM EM DIÁLOGO: PORTUGAL E ISRAEL

A Lei Mosaica ou a Torá admite uma tríplice divisão: a) a lei moral; b) a lei civil; c) a lei cerimonial.

O primeiro livro da Torá, (Gênesis ou *Bereshit*, em hebraico, cuja tradução literal é "No princípio") informa sobre as origens de todas as coisas, sobretudo do povo de Israel. De Abraão (nome hebraico que significa “pai de uma multidão”) seriam benditas todas as famílias da terra (Genesis, 12. 1-3): “Ora, o Senhor disse a Abraão: Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma benção”.

Dessa família surgiria uma nação escolhida, ungida por Deus, da qual surgiria o Messias, o Salvador do mundo, o que instauraria seu reinado. Abraão, Isaque e Jacó são as primeiras pessoas errantes a serem usadas na formação das 12 tribos de Israel, posteriormente, vindo a ser reconhecida, em 1948, como a nação de Israel.

O segundo livro (Êxodo ou *Shemot*, em hebraico, cuja tradução literal é "Nomes") dá continuidade à narrativa iniciada em Gênesis, descrevendo, sobretudo, a trama que envolve a libertação do povo da escravidão no Egito. Moises é o grande líder responsável por levar o

povo a adentrar e tomar a terra de Canaã. Um povo que antes viveu errante no deserto, após atravessar o Mar Vermelho de pés enxutos, por um período de quarenta anos (*cf.* ÊXODO, 14. 15-31).

Os outros três livros (Levíticos ou *VaYikrá* em hebraico, cuja tradução literal é "Ele Clama"; Números ou *Bamidbar* em hebraico, cuja tradução literal é "No Deserto"; e, Deuteronômio ou *Devarim* em hebraico, cuja tradução literal é "Palavras") tratam de apresentar normas para os ritos judaicos, visando à santificação (seria um povo separado das outras nações gentias), a disciplina e a reflexão. Esta leva as outras gerações a considerar a vida de seus antecessores e a lembrarem das profecias proferidas para o povo de Israel (SUANA, 2006:19). Como por exemplo, a profecia do Messias: "Também darei paz na terra" (LEVÍTICO, 26.6).

Observa-se que em *Mensagem*, na segunda parte: **MAR PORTUGUÊS**, o poeta canta o domínio do mar pelos Portugueses: "Sou um povo que quer o mar que é teu" (**O Monstrengo**). E prevê a volta de D. Sebastião em **OS AVISOS**: "Mas quando quiserás voltar?/ Quando é o Rei? Quando é a Hora?". Segundo o poeta, a hora é agora: "Ó Portugal, hoje és nevoeiro...". Na Torá, o povo canta o passado milagroso: as batalhas até chegar e tomar belicamente à terra prometida (Canaã), sob direção de Deus, cujo símbolo do Quinto Império é o Messias que há de vir.

Em *Mensagem*, o homem é apresentado como agente da vontade divina, assim como no judaísmo: "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. (...) Quem te sangrou criou-te o português./ Do mar e nós em ti nos deu sinal./ Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez./ Senhor, falta cumprir-se Portugal!" (*In O INFANTE*). Percebe-se que há aqui uma profecia a se cumprir: Portugal está destinado à grandeza futura, ao Império Espiritual, e isso ainda não se cumpriu. Mas há um sinal profético, que indica o regresso de D. Sebastião para salvar a nação portuguesa das desgraças acometidas. Da mesma forma os judeus tinham como sinal a vinda do Messias, sinal dado por Deus: "Portanto, o mesmo Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá, e dará à luz *um* filho, e será o seu nome Emanuel" (que é Deus conosco) (Isaías, 7. 14). A primeira epígrafe de *Mensagem* também revela que os portugueses receberam um sinal que fez deles um povo escolhido: "BENEDICTUS DOMINUS DEUS NOSTER QUE DEDET NOBIS SIGNUM".

Contudo, Israel esteve à frente da linha do profetismo. Na Ásia menor, nos países vizinhos de Israel, o profetismo será testemunhado em Mari no século XVI a.C. e no século XI a.C. em Biblos. Mas tendo a sua mais alta expressiva manifestação em Israel desde o século XI a.C. até o século V a.C. Neste período, surgiu o grande profeta Samuel que ungiu

os primeiros reis de Israel. No século seguinte, surgiu um grupo de “irmãos profetas”, a famosa escola de profetas sob organização do profeta Elias (COSTA, 1997: 259).

Dentre as previsões existentes em *Mensagem*, tem-se: a do sapateiro Bandarra e a do Padre Antônio Vieira que acreditam no resgate do poderio marítimo de Portugal e a criação do Quinto Império com retorno de D. Sebastião; e a do próprio Pessoa, pois o último poema é o único que não tem título, o que leva a dizer que é o poeta a evocar a volta de D. Sebastião: “Screvo meu livro à beira-mágoa./ (...) Mas quando quiserás voltar?”.

Bandarra, personagem de *Mensagem*, em **O ENCOBERTO**, liga-se conscientemente ao profetismo de Israel, como se estivesse completando as profecias do judeu Daniel, ao prever sobre este Império inominado: “Surges ao sol em mim, e a névoa finda:/ A mesma, e trazes o pendão ainda/ Do Império” (**A ÚLTIMA NAU**).

O judeu Daniel, possível descendente do rei Ezequias, foi um dos últimos profetas registrados no Antigo Testamento. No Sonho profético de Daniel sobre os quatro Últimos Impérios Mundiais, descreve a elevação e a queda de quatro poderosos reinos sucessivos (DANIEL, 2 - 7), seguindo-se o estabelecimento do Quinto Império, do reino de Deus como reino eterno, espiritual (DANIEL, 8 - 11). Neste Quinto Império, expõe a revelação surpreendente a respeito do povo hebreu sob o futuro domínio gentio.

Daniel tinha previsto a destruição de quatro Impérios (Babilônia, Medo-Persa, Grego e Romano) em suas profecias, sendo que o Quinto Império seria elevado pelo Messias (ainda esperado pelos judeus). Em *Mensagem*, os sucessivos Impérios são: Grécia, Roma, Cristandade, Europa, como os que antecedem o Quinto Império de Portugal: “Grécia, Roma, Cristandade,/ Europa – os quatro se vão/ Para onde vai toda idade./ Quem vem viver a verdade/ Que morreu D. Sebastião?” (**O QUINTO IMPÉRIO**).

Mensagem relê os heróis da História que ao longo do tempo prefiguraram o herói futuro, restaurador do Império perdido nos areais da África. O sonho de levantar o Quinto império transcende a areia da realidade para um reino do espírito. Segundo Lourenço:

Esse sonho é menos o de uma pátria mítica, fora do tempo e do espaço, de um Império do espírito e da alma, requeridos pela transcensão dos impérios da realidade e da História (Grécia, Roma, Cristandade, Europa) que o sonho de si mesmo como uma pátria, uma morada terrestremente celeste ou celestemente terrestre (LOURENÇO, 1997: 28).

Não se pode furtar do esoterismo aplicado por Pessoa em seus escritos no *Mensagem*. Mas também não se pode deixar de constatar que grandes passos futuros são, em geral, frutos advindos da influência de alguém extraordinário, com uma visão revolucionária e

a capacidade de levá-la à prática. Evidencia-se também que esse mesmo esoterismo em Pessoa parece revelar que nenhum lusitano pode abjurar a sua história. Por conseguinte, o Mundo espera o advento desse enigmático Império espiritual e vislumbra o início de uma Nova Era, sob o auspício de “O Encoberto” (português ou judeu) que infalivelmente virá e pode ser “agora!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa aproximação da obra *Mensagem* com a da tradição judaica reveste-se de profunda significação. Como diz Abuláfia a respeito da ética sobre a Torá: "Deves virá-la e revirá-la, pois tudo está nela. Ela está inteiramente em ti e tu estás inteiramente nela" (Scholem, 1972, p 143). Sendo assim, compreende-se que não há divisão ou diferença quando se apropria dos ensinamentos da Torá, o que ocorre é uma confluência para o Todo, pois ambos (apropriado e apropriação) se relacionam de forma intrínseca. Em *Mensagem* é possível dizer que o poeta, na busca interior, num vaivém permanente entre a modernidade e a tradição, traz uma demanda universal.

Questiona-se, entretanto, quando virá “a hora”? Pode-se responder com os versos de Pessoa: “Não sei a hora, mas sei que há a hora,/ Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora/ Mistério.” A esperança e o enigma continuam. Ao “regressar”, D. Sebastião ou o Messias, ter-se-á como determinação construir o império espiritual universal. Este será o Quinto Império, uma época de união e paz universal sem limite no tempo. Se Portugal (ou Israel) está predestinado, então teria que surgir um grande poeta (a que Pessoa chamava *super-Camões* referindo-se, presumivelmente, a si próprio) e um grande líder ("O Desejado"), e estes inspirarem e conduzirem todo o Mundo à união cultural e, possivelmente, espiritual, que marcará o advento do Quinto Império.

Por fim, o que fica evidente, é que *Mensagem*, perpassada de elementos simbólicos e esotéricos, supõe o ressurgimento grandioso da nação lusitana que encabeçará uma nova maneira de viver extensiva a toda a humanidade. Não obstante, observa-se que os escritos da *Torá* também apontam para um direcionamento relativamente similar ao que se constata no poema pessoano. Esse diálogo pressupõe certa intencionalidade de Pessoa e coloca lado a lado dois povos: o judeu e o português. A intenção é, misticamente, revelada através das interpretações proféticas do poeta e reside no fato de que ambos os povos possuem detalhes históricos convergentes, e esses mesmos povos esperam o salvador para mostrar o verdadeiro

caminho que a humanidade deverá seguir: o caminho que se cumprirá, simbolicamente, no espírito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Editor Geral Donald Stamps. Trad. João Ferreira de Almeida. RJ: CPAD, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

COSTA, Dalila Pereira da. “*A Mensagem Messiânica*”. IN: PESSOA, Fernando. *Mensagem – Poemas esotéricos*. Edição crítica de José Augusto Seabra. São Paulo: ALLCA XX, 1997.

LOURENÇO, Eduardo. “*Sonho de Império e Império de Sonho*”. IN: PESSOA, Fernando. *Mensagem – Poemas esotéricos*. Edição crítica de José Augusto Seabra. São Paulo: ALLCA XX, 1997.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

SCHOLEM, Gershom. *Grandes correntes da mística judaica*. São Paulo, Perspectiva Série Estudos, 1972.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa*. Lisboa, Bertrand, S/d.

SUANA, Samuel. *Pentateuco: os fundamentos éticos e religiosos de Israel no Antigo Testamento*. Pindamonhangaba: IBAD, 2006.

TORÁ – A LEI DE MOISÉS. Trad. Meir Matzliah Melamed *et al.* São Paulo: Ed. Sêfer; Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov; Jerusalém: Centro Educativo Sefradi em Jerusalem, 2001.

TUTIKIAN, Jane. “*Apresentação de Mensagem*”. In: PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Porto Alegre: L&PM, 2006.